



INSTITUTO DE LETRAS - IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET  
*Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo  
e à Sociedade da Informação – LEA-MSI*

LAIANE MAURÍCIO BARROSO

**A TAREFA TERMINOLÓGICA DO INTÉRPRETE DE CONFERÊNCIAS**

Brasília

2014

LAIANE MAURÍCIO BARROSO

**A TAREFA TERMINOLÓGICA DO INTÉRPRETE DE CONFERÊNCIAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel(a) em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, LEA-MSI.

Orientadora: Prof. Dr. Sabine Gorovitz

Brasília

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de tudo, a Deus que sempre me guiou.

Aos meus pais que me apoiam neste importante momento de minha vida, em absolutamente tudo de que eu precisasse.

À professora Sabine Gorovitz, que me orientou ao longo do projeto, pela paciência, atenção e revisões que contribuíram enormemente para que eu chegasse até o final deste trabalho bem feito.

A todos os intérpretes que responderam ao questionário, e que colaboraram para o acréscimo de informações.

## RESUMO

Este estudo apresenta passo a passo a tarefa terminológica realizada por um intérprete de conferências. Para tanto, sugere-se a distinção entre o campo de atuação de um intérprete e de um tradutor, esclarecendo as principais características da interpretação de conferências, a qual se diferencia de outros tipos de interpretação. Ademais, expõe-se uma breve introdução à ciência terminológica, assim como uma metodologia de apreensão de conhecimentos terminológicos, que auxiliam o intérprete no processo interpretativo. Além disso, evidenciam-se as diferenças entre o perfil real e o ideal do profissional de interpretação com base num questionário respondido principalmente pelos intérpretes mais experientes no ramo no Brasil. Ao final, este trabalho propõe uma análise das etapas componentes da tarefa terminológica que o intérprete deve realizar antes, durante e depois do trabalho em cabine.

Palavras-chave: Terminologia. Interpretação. Conferências.

## **ABSTRACT**

This study presents step by step terminological task performed by a conference interpreter. For this purpose, we suggest a distinction between the career field of an interpreter and a translator, explaining the main features of conference interpreting, which differs from other types of interpretation. Moreover, it exposes a brief introduction to terminology science, as well as a methodology of apprehension of the terminology knowledge, that helps the interpreter in the interpretative process. Furthermore, it evidences the differences between the real and the ideal profile of the interpretation professional based on a questionnaire answered mainly by the more experienced performers in the trade around Brazil. Finally, this paper proposes an analysis of the component steps of terminological task that the interpreter must perform before, during and after work in the cabin.

**Keywords:** Terminology. Interpretation. Conferences.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de ficha terminológica .....	19
Quadro 1 - Relações associativas .....	19
Figura 2 - Relações partitivas .....	20
Quadro 2 - Termos simples, compostos e derivados .....	20
Gráfico 1 - Quanto tempo você tem de experiência na área de interpretação? .....	22
Gráfico 2 - Você tem formação superior ou técnica na área de interpretação?.....	26
Gráfico 3 - Qual a sua idade? .....	26

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIAS E SUAS DEFINIÇÕES .....</b>	<b>10</b>
2.1 Tradução e Interpretação: diferentes áreas de atuação .....	10
2.2 Aspectos gerais do trabalho interpretativo e os tipos de interpretação .....	12
<b>3 A CIÊNCIA TERMINOLÓGICA APLICADA À INTERPRETAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
3.1 Banco de dados terminológico de um intérprete de conferência .....	17
3.2 Resultados do questionário .....	21
<b>4 ETAPAS DA TAREFA TERMINOLÓGICA.....</b>	<b>27</b>
4.1 Antes do trabalho em cabine.....	27
4.2 Durante o trabalho em cabine .....	29
4.3 Depois do trabalho em cabine.....	32
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE A - Questionário aplicado aos intérpretes de conferência do Brasil .....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE B - Resultados do questionário aplicado aos intérpretes de conferência do Brasil .....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ciência terminológica - ou seja, a Terminologia com *T* maiúsculo - é uma disciplina da Linguística que promove o estudo científico de um grupo de palavras especializadas. Estas palavras especializadas são também denominadas *termos* e diferenciam-se dos vocábulos da língua geral exatamente por fazerem parte de um universo técnico-científico com conceitos e usos linguísticos específicos dentro de um campo de atuação, ou seja, de uma área científica. Entretanto, a palavra *terminologia* - com *t* minúsculo - também designa um “«conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social», como, por exemplo, a terminologia da medicina ou a terminologia usada pelos especialistas em computação” (PAVEL, et al., 2002, p. XVII).

Assim, a tarefa terminológica de manusear termos pode ser realizada tanto por um terminólogo - ou seja, o especialista da ciência terminológica atuando dentro da Linguística Aplicada - quanto por um profissional de qualquer outra área que necessite fazer uso de um vocabulário<sup>1</sup> especializado num domínio técnico-científico. Por isso, o presente trabalho propõe ater-se à segunda opção de definição citada mais acima correlacionando a tarefa terminológica ao trabalho do intérprete de conferências.

A importância deste profissional e a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a tarefa terminológica realizada por ele, neste trabalho, justifica-se diante da realidade do mundo atual e até mesmo do Brasil, onde o número de conferências internacionais tem aumentado ao longo dos anos, demandando assim maior uso de interpretação simultânea. O próprio Daniel Gile (1995), diretor geral da Associação Internacional de Intérpretes de Conferências (AIIC), um dos principais pesquisadores da área e autor central neste trabalho, reafirma esta relevância da atividade de interpretação e a necessidade de uma preparação terminológica do intérprete mais aprimorada.

Desta forma, dividiu-se este trabalho em três partes. Na primeira parte, abordaremos a distinção entre o trabalho de um tradutor e o de um intérprete, exemplificando suas áreas de atuação, assim como as principais características da interpretação simultânea, a qual se distingue de outros tipos de interpretação.

Na segunda parte deste estudo, explicaremos no que consiste a ciência terminológica e como o intérprete faz uso dela para realizar seu trabalho interpretativo; em seguida,

---

<sup>1</sup> Conjunto de termos.



introduziremos algumas metodologias que auxiliem o intérprete a obter conhecimentos terminológicos básicos e necessários para executar a tarefa terminológica; e, em um último tópico desse capítulo, apresentaremos os resultados do questionário, elaborado inicialmente para servir de base deste trabalho, a fim de adicionar algumas informações complementares sobre o perfil ideal e real do intérprete de conferência.

Por fim, na terceira parte, faremos uma descrição e análise mais detalhadas das etapas componentes da tarefa terminológica que um intérprete de conferências executa e os desafios terminológicos que ele enfrenta antes do seu trabalho em cabine, durante o evento, e também depois dele.

## 2 INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIAS E SUAS DEFINIÇÕES

### 2.1 Tradução e Interpretação: diferentes áreas de atuação

Antes de sua primeira aparição durante a Segunda Guerra Mundial, exatamente no ano de 1945, a interpretação simultânea era considerada por muitos como impraticável, e, portanto, a interpretação consecutiva - definida no tópico seguinte - era a principal ferramenta de tradução utilizada nas conferências das reuniões internacionais entre a 1ª e a 2ª Guerra, onde predominavam o inglês e o francês como línguas diplomáticas.

Depois da Segunda Guerra e à medida que iam surgindo cada vez mais organizações internacionais, como, por exemplo, a Sociedade das Nações, percebeu-se que tal tipo de interpretação consumia muito tempo, além de que essas grandes reuniões precisavam ser realizadas em diversas línguas. A partir deste momento, viu-se que era necessária uma mudança. A interpretação simultânea se revelou, portanto, ser a melhor prática, principalmente no período pós-guerra - quando se firmou -, durante os julgamentos de Nuremberg, realizados em inglês, francês, russo e alemão. Nesse período, constituem-se ainda as Nações Unidas, com seis línguas oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe), que demandavam rapidez e praticidade.

Entretanto, ainda hoje, a interpretação de conferência “inspira uma mistura de estranha fascinação e desconfiança” (SCHNELL, et al., 2012, p. 21)<sup>2</sup>. Além disso, este tipo de interpretação, exercício que exige alto nível de concentração, continua a ser um campo de investigação nebuloso, pois é resistente a revelar todos os seus segredos, especialmente por causa da complexidade dos processos mentais que estão por trás dela.

De fato, a interpretação de conferência, que é aqui nosso objeto de estudo, é uma atividade relativamente recente se comparamos com a Tradução escrita (com *T* maiúsculo referindo-se ao domínio científico) - realizada desde a Antiguidade. Vale lembrar aqui duas divergências existentes entre as duas atividades, pois muitas pessoas acreditam que esta diferença não existe e costumam confundi-las.

Antes de tudo, a Tradução escrita diferencia-se da interpretação em quatro aspectos importantes. O primeiro é a marcante característica da oralidade da interpretação, ao contrário

---

<sup>2</sup> Tradução nossa. Todas as citações que seguem foram traduzidas pelo autor do trabalho.

da Tradução escrita, pois o resultado do trabalho interpretativo é a tradução<sup>3</sup> oral de um discurso também oral ao passo que o tradutor dedica-se a registrar a tradução manualmente ou no computador a partir do texto escrito.

O segundo aspecto são as restrições temporais que afetam os intérpretes. Na realidade, “elas privam de possibilidades táticas de informação e de documentação dos quais dispõem os tradutores ao longo da tradução [...], obrigando [o intérprete] a uma máxima preparação antes mesmo de começar a tradução propriamente dita” (GILE, 1995, p. 14). Desse modo, os intérpretes possuem somente alguns segundos para realizar a tradução e resolver problemas linguísticos na hora do trabalho em cabine, enquanto que os tradutores beneficiam de maior flexibilidade, pois podem trabalhar em casa e gerir seu próprio tempo.

O terceiro aspecto é a situação de comunicação, ou seja, a relação com os leitores/ouvintes, visto que esse parâmetro se caracteriza diferentemente em ambas as áreas de domínio da linguagem. Por um lado, na Tradução, os leitores do documento traduzido da obra de um autor têm a possibilidade de realizar críticas dessa versão por um prazo bem mais longo, uma vez que manifestações escritas podem ser copiadas e repassadas a muitas pessoas por período indeterminado; por outro lado, na interpretação, como a comunicação entre público, palestrante e intérprete é imediata, as críticas podem aparecer também de forma imediata, mas tendem a esvaecer com mais rapidez ao decorrer do tempo. Isso ocorre porque palavras são bem mais fáceis de serem lembradas quando escritas do que quando faladas.

O quarto aspecto e último relaciona-se com a diferença de campo de investigação. O intérprete não se limita ao estudo da estrutura da língua em si, como a gramática e a linguística, ou dos traços culturais, como é o caso do trabalho de um tradutor. Neste ponto, o conhecimento cognitivo interpretativo do intérprete entra em cena, pois o processo da interpretação de conferências - caso analisado neste trabalho - compõe-se da “capacidade de escutar em uma língua e de falar uma outra ao mesmo tempo” (GILE, 1995, p. 16). Esta investigação realizada por um intérprete, logo, remete à neurolinguística, à psicologia cognitiva e a outras áreas da psicolinguística.

Portanto, “a Tradução e a interpretação implicam em uma série de processos cognitivos complexos de resolução de problemas e tomada de decisões que se vêem condicionados por fatores semânticos, pragmáticos, contextuais e culturais” (MARTÍNEZ, et al., 2011, p. 83). E, apesar das evidentes diferenças, ambos domínios acabam por encontrar-se

---

<sup>3</sup> O termo *tradução*, com *t* minúsculo, é designado neste trabalho com o sentido de ato de traduzir, ou seja, transpor, transladar de uma língua para outra.

um no outro, possuindo o mesmo objetivo em comum, essencial em seu trabalho, que é o de “interpretar [...] ou seja: ressaltam a importância da construção própria do *sentido* na transposição do discurso de um idioma para outro” (FREIRE, 2007, p. 152), no sentido de que a tradução do mesmo não deve ser feita palavra por palavra.

## 2.2 Aspectos gerais do trabalho interpretativo e os tipos de interpretação

Primeiramente, a interpretação de conferência (também chamada interpretação simultânea), como já foi definida anteriormente, é a atividade que

[...] engloba a escuta, o tratamento e a restituição de um discurso original na língua de chegada, incluindo operações de decodificação linguística, da utilização de diferentes tipos de memória e de produção linguística (GILE, 1995, p. 17).

Esse processo mental implica na divisão da atenção do intérprete dentro da cabine entre escutar, analisar e traduzir a mensagem, ao mesmo tempo em que ele deve tomar decisões, em questão de segundos, com relação a riscos e dificuldades provenientes da tradução, e tudo isso, a partir de um discurso proferido na língua de partida uma só vez. É interessante observar, neste ponto, o alto nível de atenção requerido pelo profissional, fato amplamente discutido pelos estudos linguísticos aliados aos da psicologia, como a neurolinguística e a psicologia cognitiva.

Um caso de processo mental altamente interessante e essencial na compreensão do processo cognitivo da interpretação de conferências é a característica de antecipação. A antecipação ocorre frequentemente com línguas em que é necessário que o palestrante termine a frase para o intérprete compreender seu sentido, como o alemão, por exemplo, onde muitas vezes parte do verbo principal vem no final da oração. Contudo, o intérprete não dispõe de tempo para esperar o final da fala e traduzir, pois pode perder a escuta das falas seguintes enquanto ainda está traduzindo a frase anterior. Desta maneira, ele se “antecipa” na tradução “assim como nossa mente preenche partes que faltam de uma imagem de padrões que já tenha visto antes” (SETTON, 2005, p. 73), ou seja, os conhecimentos linguísticos e gramaticais são postos à prova de setenças semelhantes que já tenha ouvido antes, completando assim a ideia principal.

Por outra ótica, “a interpretação simultânea é um caso particular da comunicação em domínio linguístico” (GILE, 1995, p. 18), uma vez que não basta apenas que o intérprete

traduza o discurso de um palestrante literalmente; é necessário também que ele o faça da mesma maneira como este último se expressa, ou seja, o jeito de falar e de portar-se haja vista que o discurso do intérprete é em primeira pessoa do singular tomando-o como se fosse o próprio conferencista. Por esta razão, este tipo de profissional da língua é chamado de *intérprete*, e não de tradutor.

Outro aspecto relevante do trabalho de um intérprete é que ele dificilmente terá todo o conhecimento terminológico necessário - ponto a ser mais detalhado no capítulo seguinte - referente ao tema da conferência, principalmente se tratando de palestras cujo domínio é muito especializado. Neste caso é preciso que o intérprete faça a etapa da tarefa terminológica como preparação antes do evento. Este assunto será amplamente discutido no capítulo 4.

Além do que já foi mencionado, “o trabalho de um intérprete simultâneo só é possível sob algumas condições” (SETTON, 2005, p. 71). A primeira é que o intérprete necessita obter a proficiência na língua de chegada - sua língua-mãe - e na de partida - da qual traduz; a segunda é que ele deve possuir informações sobre a reunião e os assuntos do mundo, a fim de que ele seja capaz de inferir o suficiente para compensar as lacunas de recepção. E, por fim, a última condição essencial é que sua cabine esteja devidamente equipada, possuindo ampla visão e acesso a um som de qualidade, para possibilitar a melhor correspondência possível entre o que o conferencista transmitiu e as expectativas do público. Ademais, um bom fone de ouvido protege o intérprete da escuta de sua própria voz e uma cabine com isolamento acústico efetivo o isola dos ruídos externos.

Enfim, não podemos continuar a tratar neste trabalho das características gerais da interpretação de conferência sem abordar as especificidades que a distinguem das diversas formas de interpretação, entre elas, a consecutiva e a sussurrada. A princípio, devemos ressaltar que a interpretação de conferência distingue-se dos demais tipos de interpretações em um ponto fundamental: assim como já foi dito acima, o trabalho do intérprete de conferência realiza-se dentro de uma cabine, onde ele tem acesso ao discurso do palestrante, equipada de uma aparelhagem, de qual as outras atividades de interpretação não necessitam.

Assim, “na interpretação consecutiva, o intérprete está sentado na mesma sala do palestrante. Esse último pronuncia o seu discurso ou um fragmento de discurso, composto de algumas frases, enquanto que o intérprete o escuta, tomando notas se necessário” (GILE, 1995, p. 12). Em seguida, o palestrante faz uma pausa a fim de que o intérprete possa produzir sua tradução, instantes depois, o palestrante volta a falar e temos novamente uma pausa, e assim sucessivamente.

Por último, existe a interpretação sussurrada, mais ou menos similar à simultânea, pois a tradução é feita “ao mesmo tempo”, com a diferença de que o intérprete posiciona-se ao lado do seu cliente, ou seja, aquele para quem irá traduzir ao pé de seu ouvido as palavras do orador - aquele que profere o discurso - de uma língua estrangeira para o idioma do seu cliente.

Enfim, a interpretação simultânea é uma atividade recente que surgiu no fim da Segunda Guerra. Se, no início, ela se realizava somente no âmbito de conferências internacionais ou dentro de organizações internacionais, hoje em dia, ela se expandiu para fazer parte de “outros perfis de reuniões interlinguística, como por exemplo, conferências, colóquios, seminários, visitas de personalidades, programas de rádio e TV” (GILE, 1995, p. 11).

Além da grande variedade de contextos em que ela ocorre, houve também progressivamente uma imensa diversificação de temas abordados e traduzidos pelos intérpretes. Vale ressaltar também a evolução dos equipamentos em cabine e o maior fluxo e especificidade da informação tratada. Em suma, a interpretação simultânea permitiu que falantes de culturas diferentes, não comunicando-se na mesma língua, pudessem se reencontrar e dialogar frente a frente.

### 3 A CIÊNCIA TERMINOLÓGICA APLICADA À INTERPRETAÇÃO

Os conhecimentos dos termos - ou vocábulos especializados<sup>4</sup> - adquiridos de um domínio especializado são chamados de terminologia (com o *t* minúsculo para diferenciar da disciplina de ciência terminológica dentro dos estudos da Linguística). Estes termos variam de acordo com sua área de especialidade, e devem ser apreendidos dentro de suas respectivas áreas de conhecimento técnico-científico e utilizados num contexto específico ao qual se referem.

Como um campo de estudos, a Terminologia (com *T* maiúsculo referindo-se nesse caso à disciplina da Linguística) ocupa-se de realizar diversas funções, como reunir, prescrever e apresentar os termos sistematizando-os para diversos conjuntos de usuários e bases de processos de trabalhos, como por exemplo, a confecção de dicionários e vocábulos técnicos e científicos, bilíngues ou multilíngues, traduções automáticas, aperfeiçoamento de métodos de ensino, correções e revisões, etc. O terminólogo, ou seja, o profissional dessa área, é inclusive orientado a realizar uma sondagem dos termos mais usados por uma comunidade sociocultural a fim de que a partir desta investigação, os termos sejam melhor analisados e descritos (BARROS, 2004, p. 71). Isso ocorre porque cada cultura recorta a realidade extralinguística à sua maneira.

Para que a Terminologia se consolide enquanto ciência foi preciso esperar o trabalho inovador de Eugen Wüster, linguista austríaco, que elaborou a base para um sistema descritivo de terminologias nos anos de 1930. “Seu modelo é centrado em torno do conceito de ‘termo’, que ele descreve como uma dupla entidade, consistindo em uma forma de palavra (denominação) e um conteúdo (conceito) ou significado. [...]” (WILL, 2007, p.2). Portanto, o terminólogo busca isolar um termo cuja definição não apresente ambiguidade e que seja unicamente utilizado num domínio específico, isto é, que não pode ser empregado em outra área técnico-científica. Entretanto, a teoria nem sempre concerne com a prática e o que acontece na realidade é o aparecimento do mesmo termo em diferentes domínios, porém com diferentes significados devido ao dinamismo dessas áreas técnicas e tecnológicas.

Ambos profissionais de Tradução escrita e interpretação dependem essencialmente da disciplina terminológica para a realização com êxito de seu trabalho comunicativo apesar de não necessitarem ser especialistas no assunto. “[...] Para eles (tradutores e intérpretes) a

---

<sup>4</sup> Vocábulo é descrito nesta pesquisa como sinônimo de termo.

terminologia deverá ser unicamente um instrumento para executar seu trabalho como mediadores linguísticos [...]” (CAUDET, 2003, p. 83). Apesar disso, acabam por tornar-se momentaneamente terminólogos a fim de resolver problemas terminológicos pontuais, como adquirir um conhecimento básico da área de especialização, diferenciar termos polissêmicos, encaixá-los em seu contexto, e por fim documentá-los.

Desse modo, para que as traduções interlinguísticas sejam efetuadas com sucesso, tradutor e intérprete precisam desenvolver habilidades terminológicas, tais como:

- 1) Apreensão de conhecimentos gerais em domínios técnicos-científicos;
- 2) Imaginação para criar vocábulos especializados - caso dos neologismos<sup>5</sup>;
- 3) Capacidade para solucionar eventuais dificuldades em documentos, como por exemplo, se há um termo que pertença a mais de um domínio ou uma complicação para entendê-lo, etc. (MARTÍNEZ, et al., 2011, p. 83).

Além do mais, também se faz imprescindível o conhecimento do significado dos termos e a compreensão de seus contornos, o que pode ser feito pelo profissional através de uma busca de fontes, podendo ser auxiliado pelos seguintes meios:

- A) Pesquisa e avaliação de conteúdos na Internet, como textos - paralelos principalmente<sup>6</sup> - e dicionários (que podem também ser consultados em formato papel);
- B) Consultas a fichas terminológicas de terceiros, que podem ser posteriormente criadas pelo próprio intérprete a fim de alimentar sua base de dados - assunto mais detalhado no tópico seguinte;
- C) Observações de informações reunidas em *Corpus*, ou seja, base de dados informatizado de diversos textos e fontes (CAUDET, 2003, p. 84).

É importante lembrar que existe uma grande extensão de informação circulando na rede, e muitas vezes algumas explicações de determinados termos podem confundir o tradutor/intérprete. Assim, é importante ressaltar que o profissional procure distinguir fontes verídicas e confiáveis daquelas que não o são.

Enfim, não se exige dos intérpretes que eles detenham um conhecimento enciclopédico de vocábulos especializados, pelo contrário, “em geral, a ênfase deve ser

---

<sup>5</sup> Os neologismos são detalhados no tópico seguinte.

<sup>6</sup> Textos paralelos são partes de textos alinhados em pares onde o original está lado a lado de sua respectiva tradução.



colocada no treinamento/aquisição de capacidades de gestão de terminologia [...]” para que “[...] sejam capazes de acessá-lo quando a ocasião o solicita.” (MARTÍNEZ, et al., 2011, p.83).

### **3.1 Banco de dados terminológico de um intérprete de conferência**

A globalização dos mercados e das relações internacionais, por uma parte, e a diversificação contínua dos campos de saber e especialização das disciplinas, por outra, têm gerado a necessidade de acelerar os processos de criação, revisão e atualização de terminologias [...]. (CAUDET, 2003, p. 79).

Além do mais, como os dicionários consomem tempo, demasiado trabalho de pesquisa e alto custo financeiro, eles tendem a não seguir o ritmo de evolução do vocabulário técnico-científico, e, portanto, se mostram pouco eficientes para o trabalho do intérprete que necessita traduzir uma conferência de alto nível técnico e muitas vezes sobre questões atuais.

Ademais, estes novos termos ainda não integrados nos dicionários, tradicionais ou técnicos, nem sempre serão encontrados com a combinação linguística de que o intérprete precisa (VANHECKE, 2010, p. 518), como as relações lógicas e partitivas - ver mais abaixo. Inclusive, o intérprete, por conta de suas necessidades particulares devido à sua profissão, necessita manejar diferentemente a terminologia a ser usada durante a interpretação em cabine. Para ele, o dado terminológico deve ser facilmente acessível e prático, como uma informação móvel, pois, quando ocorre uma dúvida enquanto se interpreta, o intérprete nunca dispõe de mais do que alguns milésimos de segundos para consultar seu banco de dados, ao passo que uma grande lista de termos como a que é apresentada no dicionário tradicional só o atrapalharia. Assim, essa terminologia deve ser pessoalmente customizada de acordo com o seu trabalho (VEISBERGS, 2007, p.75).

No entanto, mesmo na hora da preparação antes do trabalho em cabine, o intérprete não dispõe de muito tempo para informar-se sobre o assunto da conferência, já que muitas vezes acontece dele só entrar em contato com a terminologia da reunião pouco antes do início de seu trabalho. Logo, ele deve escolher entre a aquisição de termos gerais ou a pesquisa de termos problemáticos e suscetíveis de aparecer durante a interpretação. Em conferências muito técnicas e devido à falta de tempo, é preferível a segunda opção levando em conta o grande número de termos a serem traduzidos (GILE, 1986, p. 33).

Trabalhando, dessa forma, tal como um terminólogo, o intérprete tem a possibilidade de criar glossários<sup>7</sup> multilíngues em fichas terminológicas - em papel impresso ou em arquivo eletrônico, como bases de dados online - na qual ele deve executar procedimentos, como:

[...] identificar os termos que designam os conceitos próprios de uma área, atestar o emprego por meio de referências precisas, descrevê-los com concisão, discernindo o uso correto do uso incorreto, e de recomendar ou desaconselhar certos usos, a fim de facilitar uma comunicação isenta de ambigüidades (PAVEL, et al., 2002, p. XVIII).

Isso quer dizer que, o intérprete, na sua função de terminólogo, deve ter consciência de que um termo pode remeter a um conceito único dentro de uma área, a fim de que não confunda os diferentes significados que o mesmo vocábulo especializado pode adquirir em outros domínios científicos, ou ainda na língua comum. Para tanto, deve harmonizar o vocábulo técnico referente a seu domínio específico em suas línguas de trabalho, através da verificação do termo dentro de seu contexto.

Idealmente, toda a informação reunida antes de integrar a ficha deveria ser sondada, estruturada e registrada. O conteúdo é constituído basicamente de alguns elementos principais, como “a área temática a que pertence o conceito, as línguas em questão, os termos, as respectivas marcas de uso e as provas textuais” (PAVEL, et al., 2002, p. XIX). Outros dados também deveriam aparecer, que são indicadores de classe de subdomínio, o termo na língua de chegada, definição e ilustração deste, sua pronúncia, formas abreviadas, e unidades fraseológicas que facilitam a restituição da mensagem. A ficha terminológica - ver Figura 1 na página seguinte - adaptada aos intérpretes pode trazer ainda informações de grande importância em relação ao tema da conferência como nomes próprios, de produtos, e preferências linguísticas dos clientes, e também relações entre termos como hiperônimos e sinônimos.

---

<sup>7</sup> Vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura.

**Figura 1:** Exemplo de ficha terminológica

<b>SUBJECT FIELDS</b>	
KBJ	Internet and Telematics
UCD	Telecommunications
UDJ	Data Transmission
<b>EN</b>	eletronic mail*a,d,e,h,i*STANDARDIZED email*c* E-mail*a,d,e,i*STANDARDIZED Email*a,e,i*STANDARDIZED Strudel-post*c*JARGON
<b>DEF*</b>	Correspondence in the form of messages transmitted between Users terminals over a computer network.*a
<b>CONT*</b>	Nerd speak. Strudel-post: electronic mail. (Strudel refers to the "at" sign in E-mail addresses).*c
<b>OBS*</b>	electronic mail; E-mail; Email: terms standardized by ISO and CSA.*b
<b>FR</b>	courrier électronique*j,k,l*MASC, NORMALISÉ CÉ*j,k*MASC, NORMALISÉ courriel*j,l*MASC,NORMALISÉ
<b>PT</b>	correio eletrônico*f*MASC
<b>DEF*</b>	Sistema de envio e recebimento de mensagens através de uma rede de computadores.*f
<b>CONT*</b>	Para usar o correio eletrônico, você precisa de um computador, um modem ou conexão de rede e um endereço de correio eletrônico. O correio eletrônico é conveniente porque todas as mensagens são enviadas e recebidas imediatamente, mesmo mensagens de longa distância.*f

Fonte: Pavel, et al. (2002, p.7)

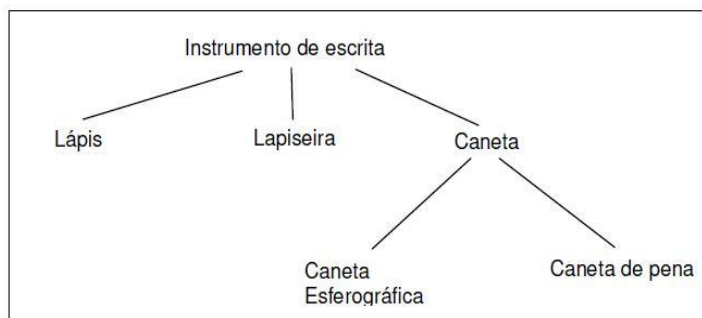
Falando de esquemas que propõem o estabelecimento de relações entre termos que possam ter associações entre si, temos as chamadas *relações associativas* - Quadro 1 - , dos “seguintes tipos: produtor-produto, ação-resultado, ação-instrumento, conteúdo-contido e causa-efeito” (PAVEL, et al., 2002, p. 15).

**Quadro 1** - Relações associativas

<b>CONCEITOS</b>		<b>RELAÇÃO LÓGICA</b>
Reitor	⇒ Universidade	pessoa-local de trabalho
Tradutor	⇒ Dicionário	profissão-instrumento
Pouco estudo	⇒ Notas baixas	causa-efeito
Geladeira	⇒ Bebidas	recipiente-produto

Fonte: Pavel, et al. (2002, p.16 - adaptação)

Estas relações, que também podem ser hierarquizadas, facilitam o planejamento de aquisição de conhecimento do domínio técnico-científico em uma árvore conceitual, a qual se compõe desde conceitos genéricos, passando por conceitos específicos e vai até as *relações partitivas* - Figura 2 - entre todo e parte.

**Figura 2** - Relações partitivas

Fonte: <http://www.gercinalima.com/mhtx/pages/prototipo-btdeci/dissertacoes/silva-mf/cap-2--fundamentacao-teorica.php>

Outro método de assimilação do conteúdo terminológico necessário é agregar os termos em conjuntos, ou seja, agrupá-los de acordo com suas informações gramaticais. Um bom exemplo é dividir os termos de acordo com sua classificação “morfológica e léxica: substantivo (simples, derivado ou composto), verbo, sintagma nominal, adjetival ou verbal” (PAVEL, et al., 2002, p. 20) - Quadro 2.

**Quadro 2** - Termos simples, compostos e derivados

<b>Termos SIMPLES</b>	flor, chuva, livro
<b>Termos COMPOSTOS</b>	couve-flor, guarda-chuva, livro de bolso
<b>Termos DERIVADOS</b>	floricultura, chuveiro, livraria

Fonte: Pavel, et al. (2002, p. 20 - adaptação)

Desta maneira, torna-se mais fácil para o intérprete trabalhar com neologismos morfológicos, pois estes propõem a construção de novas estruturas dos mesmos vocábulos especializados, como a derivação, a composição e a parassíntese.

Exemplos:

- Derivação (e.g.: pedra-pedrada)
- Composição (e.g.: planalto = plano + alto)
- Parassíntese (e.g.: ajoelhar = a (prefixo) + joelh (radical) + ar (sufixo)

Enfim, vale ressaltar que raros são os intérpretes que elaboram fichas terminológicas tão completas na realidade ou mesmo os esquemas de relações apresentados acima; comumente, eles produzem listas de palavras, ou seja, vocábulos que possivelmente serão empregados na conferência, para superar os eventuais problemas de tradução, seja por

esquecimento do equivalente exato de um termo na língua de partida para a língua de chegada, seja por uma ignorância do próprio intérprete. Este assunto será retomado com mais detalhes no capítulo 4.

### **3.2 Resultados do questionário**

Anteriormente, no início da pesquisa deste trabalho, o questionário “Perfil do Intérprete de Conferências” - junto ao Apêndice A - tinha o propósito de servir de base para o tema da monografia. Contudo, os resultados - ver Apêndice B- obtidos a partir deste foram pouco conclusivos, devido ao tamanho reduzido da amostragem - 59 entrevistados no total - e à consequente limitação de dados que não nos possibilitou tirar maiores conclusões e fazer generalizações cabíveis. Assim, decidiu-se incluir estes resultados e as observações feitas a partir do conjunto de respostas em um tópico dentro deste capítulo. Deste modo, além de reunir e apresentar informações sobre o perfil do intérprete, como dados mais pessoais e acadêmicos - demandados no próprio questionário, foi possível ainda analisar as respostas referentes aos seus conhecimentos terminológicos, que são, portanto, tratados aqui neste capítulo.

Apesar dessa dificuldade (amostragem reduzida), foi portanto possível examinar os dados e tirar algumas conclusões quanto ao perfil ideal do intérprete de conferências, assunto abordado de forma privilegiada em todo o estudo. Em contraponto, buscou-se entender como, na realidade, ele realiza seu trabalho, como se prepara, etc., e qual o verdadeiro perfil do intérprete no Brasil. Isso porque a pesquisa foi realizada, em geral, partindo da resposta de intérpretes mais experientes, oriundos de diversas cidades do país, profissionais possuindo maior e mais completa formação na área de interpretação de conferência e mais tempo de atuação.

Apresentamos em seguida algumas conclusões:

- Perfil ideal x Perfil real

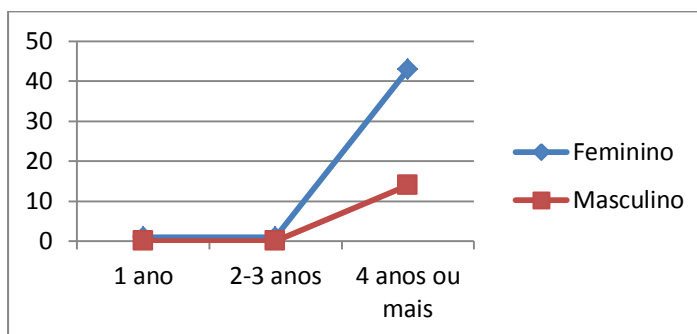
O intérprete de conferências é um profissional que deve possuir profundos conhecimentos, tanto linguísticos como socioculturais, das duas línguas - a de partida e a de chegada - com as que ele irá trabalhar. Entretanto, não basta apenas conhecer como a língua funciona; é também de fundamental importância que ele obtenha conhecimentos referentes ao

vocabulário especializado antes da reunião em que irá atuar, pois, caso contrário, haverá gravíssimos problemas de comunicação. Apesar disso, ainda que o profissional tenha em mãos estes termos, seja do material do conferencista ou de pesquisas feitas previamente por conta própria sobre o assunto a ser tratado, ele ainda deverá contornar certos problemas, como o esquecimento de um termo e/ou ignorância deste, um termo mal pronunciado pelo conferencista ou mal escutado por ele, problemas de áudio da cabine, etc. - ver capítulo 4. Trata-se de imprevistos que o intérprete deve estar pronto para resolver instantaneamente. Por esta razão, faz-se estritamente necessário o exercício de algumas técnicas para contornar estas dificuldades e possibilitar a “construção” do termo, como os neologismos.

Já passada a conferência, ele ainda precisa revisar seus erros e seu banco de dados terminológico, a fim de aperfeiçoar seu trabalho em cabine - assunto tratado no último tópico “Depois do trabalho em cabine”. Assim, são estas e outras habilidades que o intérprete deveria aprender em sua formação universitária ou curso profissionalizante na área de interpretação, embora, como vimos através do questionário, a realidade nem sempre seja conforme ao perfil ideal deste profissional.

Antes de tudo, o questionário respondido majoritariamente por intérpretes de carreira revelou o tempo de exercício da atividade. O gráfico abaixo mostra que 57 das 59 pessoas entrevistadas possuem uma experiência na área de interpretação de quatro anos ou mais, sendo que a maior parte tem como exercício da função de intérprete sua principal atividade (52 pessoas).

**Gráfico 1-** Quanto tempo você tem de experiência na área de interpretação?



Fonte: elaborado pelo autor

Em seguida, o que se pode perceber através deste questionário enviado a intérpretes, em geral mais experientes no seu ramo, é que a profissão de interpretação ainda não é regulamentada no Brasil. Assim, muitos interpretam sem a formação básica necessária, tendo se especializado somente depois de começarem a atuar em conferências, ou seja, iniciaram

sua carreira sem nenhum tipo de conhecimento. Ademais, poucas são as instituições brasileiras de ensino superior que ofertam a formação de intérprete, como por exemplo, a Universidade de Franca, Centro Universitário Adventista, Universidade Nove de Julho, Universidade São Judas Tadeu, Universidade Católica de Santos, todas em São Paulo; Universidade Anhanguera, em Mato Grosso do Sul; e a Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. De fato, Gile (1995, p. 12) afirma que

[...] na maioria dos países, a interpretação de conferência não é regulamentada. Às vezes, ela é praticada por tradutores, intérprete de línguas afins, mas também por diplomatas e outros intérpretes ocasionais [...], principalmente nas línguas ‘raras’ para as quais não existe um mercado regular de interpretação de conferência.

Isso é evidenciado no questionário: dentre os quinze profissionais que não são formados em interpretação, observa-se que a maioria têm formações bem diversas. Esse quadro ainda é um pouco amenizado pois algumas das pessoas - três possuem bacharel em Letras (uma área afim) - que hoje interpretam são tradutores qualificados, sendo uma parte deles juramentados e dotados de conhecimentos acerca de vocabulário especializado. Apesar disso, isso não muda o fato de que esses intérpretes há anos na profissão ainda não tenham feito nenhuma instrução em escolas técnicas.

Desta forma, algumas das respostas relacionadas às questões de terminologia no questionário foram inócuas, certamente por inatenção ou ainda por ignorância e falta de formação. Na questão *‘Durante o trabalho em cabine, em caso de um possível esquecimento da tradução equivalente ou desconhecimento do termo proferido pelo palestrante, você lança mão de técnicas como’*, a opção “paráfrase” - tópico do capítulo seguinte - foi colocada propositalmente para testar os conhecimentos dos participantes e eis que muitos a escolheram para sua resposta - a exceção de 15 pessoas que não a escolheram. Em realidade, a técnica “paráfrase” é utilizada quando o intérprete sabe o que o termo significa na língua de partida mas não possui um equivalente na língua de chegada, por isso ele clarifica ou explica o termo, ou seja, ele não desconhece ou esquece a palavra. Ainda há aqueles que adicionaram a opção de busca na internet ou no computador, sendo que não há tempo suficiente para fazer uma pesquisa durante o ato interpretativo, esta ação de decisão entre a escolha da tradução de termos deve ser tomada em questão de segundos ou mesmo fração de segundos. Nem mesmo pedir a ajuda para um colega de cabine é recomendável, pois pode prejudicar a escuta da continuação da fala do palestrante.

Outro ponto que é preciso ressaltar nas respostas às questões de terminologia refere-se à pergunta ‘*Antes do seu trabalho em cabine, você geralmente costuma se preparar usando um banco de dados terminológico*’. As respostas aqui foram diversas, variando entre “um disponível na internet”, “livros e dicionários”, e embora não tenha sido indicada a opção “material fornecido pelo cliente”, alguns poucos a adicionaram em suas respostas - somente 6 pessoas não incluíram nenhuma opção apresentada. Subentende-se com isso que aqueles profissionais mais bem preparados e informados consideram-na como algo essencial que não deve faltar em sua preparação, o que é pertinente. De fato, é obrigação do cliente enviar de antemão ao intérprete o material relacionado ao tema da conferência (seja artigos, *Slides* em *Power Point*, etc.), para que este possa usá-lo como base de sua preparação, o que muitos entrevistados deixaram passar. Outros ainda, mesmo escolhendo todas ou algumas das opções apresentadas, incluíram “material do evento”, “pesquisas na internet”, “leitura dos artigos afins” e “material fornecido por colegas”.

Por fim, certas respostas às duas últimas questões de terminologia surpreendem, tanto pela falta de conhecimento quanto pela ausência de aprendizado com um profissional especializado. Uma delas foi a de uma pessoa que diz ter aprendido a profissão de intérprete estudando por conta própria e “aprendendo” com colegas da área. Assim, à questão ‘*Após o trabalho em cabine, você prefere*’, ela respondeu “normalmente as revisões são feitas durante o trabalho, usando o computador”, e à questão ‘*Para realizar o seu trabalho antes, durante e/ou depois da cabine, você geralmente faz uso de metodologias*’, a resposta dela foi “A interpretação é instintiva... o treino é feito observando colegas e estudando o assunto das palestras”. Nesta última questão, o que também chamou a atenção foi que pouquíssimas pessoas escolheram a opção “Que apreendeu de autores da área, como Daniel Gile”. Isso revela que desconhecem um dos maiores autores e pioneiros da área de pesquisa em interpretação de conferências. Enfim, observa-se a carência de formação e informação apropriadas e que “[...] a formação do intérprete ainda se depara com uma limitação significativa [...]: a disponibilidade sensivelmente mais escassa de estudos publicados que enfocam sua área de atuação.” (FREIRE, 2007, p. 152)

Já na questão ‘*Após o trabalho em cabine, você prefere*’, a maioria escolheu a opção “Revisar seus erros e corrigir seu banco de dados terminológico”, não nos demonstrando nenhuma surpresa, pois é exatamente isso que se espera que o intérprete faça nesta etapa.

No que se refere ao perfil ideal, o que se concebe é que o intérprete, um profissional especialista em línguas e não em todos os assuntos especializados, deveria se especializar em



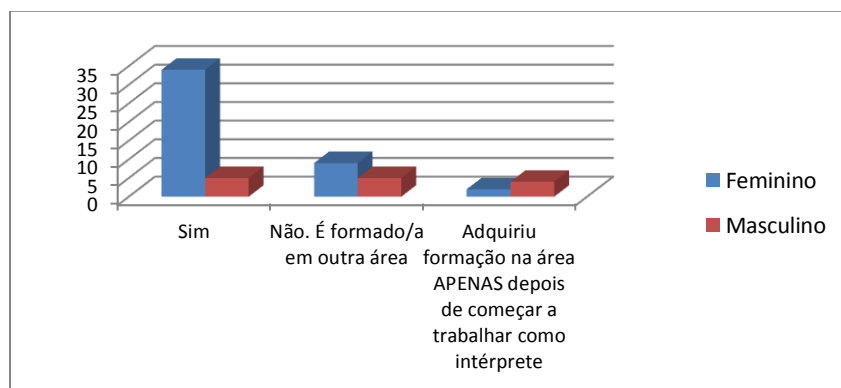
uma área para lidar com problemas terminológicos e com o tema específico da conferência. Contudo, esta não é a realidade do mercado brasileiro. De fato, a maior parte destes trabalhadores são autônomos, ou seja, sujeitos às variações da demanda - trabalham como *freelancer*; apenas 5 intérpretes são contratados por alguma empresa, e outros 3 possuem seu próprio negócio. Alguns, entretanto, conhecidos por já terem uma boa atuação num tema específico, são contratados sistematicamente para interpretar o mesmo assunto. Os poucos intérpretes vinculados a uma empresa possuem competência num domínio específico e portanto maior facilidade no trabalho em cabine.

Por fim, no que se refere às cidades de atuação, 37 deles trabalham em São Paulo, 12, em Brasília e 10, no Rio de Janeiro; os poucos restantes trabalham no Rio Grande do Sul e no exterior.

- Questões de gênero

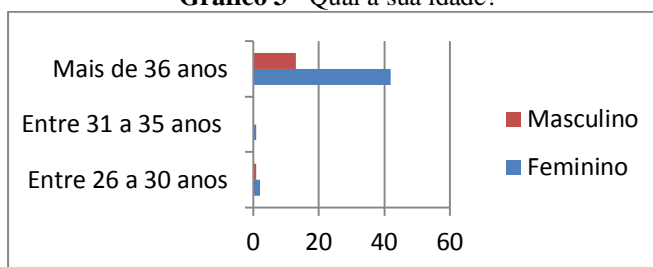
Partindo da análise quantitativa, separando homens e mulheres - a maior parte dos que responderam ao questionário são mulheres (45 pessoas contra 14 homens) -, percebeu-se uma forte presença feminina na área interpretativa. Aliás, a maioria delas já era formada nesse campo antes de começarem a atuar como intérpretes - 34 das 45 mulheres. Assim, podemos admitir algumas características da realidade da profissão: a maior quantidade de mulheres do que homens em ciências humanas. A predominância feminina foi comprovada pelo censo realizado em 2010 pelo Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, em que 81% dos pesquisadores em humanas eram mulheres.

Por outro lado, os homens revelam mais heterogeneidade em relação à formação: 4 deles adquiriram formação na área APENAS depois de começarem a trabalhar como intérpretes, 5 responderam que eram formados em outra área, e outros 5 já eram formados na área. Veja o gráfico na página seguinte:

**Gráfico 2** - Você tem formação superior ou técnica na área de interpretação?

Fonte: elaborado pelo autor

Em relação à idade e ao gênero dos intérpretes, 3 responderam terem entre 26 a 30 anos - 2 mulheres e 1 homem -; uma tem entre 31 a 35 anos - mulher-; e o restante, ou seja, 55 pessoas têm mais de 36 anos - 13 homens e 42 mulheres. Este dados podem ser melhor visualizados abaixo:

**Gráfico 3** - Qual a sua idade?

Fonte: elaborado pelo autor

No entanto, não buscamos apresentar as explicações a esses resultados, já que as questões sociológicas não são o foco deste trabalho. Percebe-se, entretanto, com base nos dados do questionário, que as mulheres desta pesquisa estão mais bem preparadas do que os homens para atuarem como intérpretes.

## **4 ETAPAS DA TAREFA TERMINOLÓGICA**

Neste capítulo, analisaremos mais profundamente as dificuldades terminológicas enfrentadas pelo intérprete e sua preparação, que surgem durante as várias etapas do trabalho em cabine. Desta maneira, decidiu-se dividir este capítulo em “antes, durante e depois do trabalho em cabine” para melhor abranger as três etapas. Entretanto, Daniel Gile (1986) - autor base desse trabalho - divide estas fases diferentemente, concentrando-se principalmente na 1ª e início da 2ª fase, as quais também serão mencionadas num tópico abaixo. Enfim, a cada fase correspondem diversas soluções a fim de superar uma dificuldade, todas elas abrangendo a tarefa terminológica do profissional de interpretação de conferência.

### **4.1 Antes do trabalho em cabine**

O vocabulário técnico nas conferências possuem dimensões bem variáveis e, como o intérprete nunca sabe qual serão os termos que serão efetivamente utilizados, ele deve sempre estar pronto a enfrentar um vasto vocabulário específico potencial. De fato, “um termo desconhecido ou pouco conhecido pode vir a entrar a compreensão de uma ideia, e impedir sua restituição” (GILE, 1985, p. 199).

A preparação terminológica nesta fase consiste principalmente na busca de termos suscetíveis de aparecer durante a conferência, assim como seus equivalentes nas diferentes línguas e possíveis sinônimos, tanto na de partida como na de chegada. Esta busca é de inestimável importância já que o palestrante nem sempre pronuncia os termos da mesma forma, podendo ele utilizar sinônimos.

Além do mais, o nível de tecnicidade da reunião determina o volume de vocabulário técnico-científico que o intérprete deve apreender nesta fase, dependendo se for uma conferência de âmbito mais científico ou não. Até porque os intérpretes são chamados a trabalhar em reuniões de temas bem diversos, podendo estar direcionadas a um público profissional - tema mais técnico - ou não. E, como já foi discutido no capítulo anterior referente aos resultados do questionário, a realidade demonstra que, em geral, no Brasil, o profissional não é especializado em uma área técnica-científica específica, devendo ele a cada reunião apreender um tema diverso e adquirir uma nova terminologia que provavelmente não pertence ao seu repertório.

Assim, o intérprete buscará limitar os termos que deverá recordar: “o intérprete elimina redundâncias e sublinha verbos, palavras-chave e conceitos importantes, e é aí que ele é capaz de identificar os termos que serão deslocados posteriormente, em glossários” (SCHNELL, et al., 2012, p. 21). Essa busca de termos deve levar em conta algumas dificuldades inerentes ao vocabulário técnico, como as ambiguidades, sinônimos, abreviaturas e siglas que substituem um nome, e, inclusive, “a tentação de tomar como certo um termo que aparece num texto traduzido sem contradizê-lo nem submetê-lo a uma avaliação terminológica necessária” (VANHECKE, 2010, p. 521). É ainda muito importante escolher termos que o conferencista comumente emprega, ou seja, certos termos em detrimento de outros, para que o trabalho interpretativo seja ainda mais preciso, de modo que o próprio conferencista deixe claro para o intérprete suas escolhas.

Essa preparação visa ainda à aquisição de conhecimentos sobre conceitos e ideias, dentro de um determinado domínio técnico-científico no qual se inserem. Os métodos de assimilação de conteúdo terminológico, como as fichas terminológicas e os esquemas de relações associativas e partitivas entre termos, abordados no capítulo anterior, são bastante úteis no auxílio desta fase.

Contudo, idealmente, nenhuma preparação antes do trabalho em cabine pode ser feita caso o intérprete não tenha em mãos os documentos relativos ao assunto da conferência, e que lhe devem ser entregues ao menos três dias antes do evento. Caso contrário, a qualidade e o desenvolvimento do evento e da interpretação podem ficar comprometidos. Os documentos que lhe são enviados comumente são as anotações e *Slides Power Point* dos conferencistas e, caso existam, os textos dos seus discursos e as atas das reuniões precedentes à conferência ((AIIC), 1990, p. 5). No entanto, “O envio de documentos aos intérpretes é aleatório. Na maior parte dos casos, os documentos fornecidos são incompletos e “[...] são raramente nas diferentes línguas da conferência. [...] O que dá um peso maior à preparação de última hora [...]” (GILE, 1986, p. 33). O que ainda acontece geralmente na realidade é o não envio desses documentos, tornando o trabalho de preparação ainda mais difícil. De fato, no questionário respondido pelos intérpretes mais experientes, constatamos que somente alguns deles adicionaram em suas respostas a opção “material fornecido pelo cliente” na pergunta sobre a preparação antes do trabalho em cabine.

Em relação à divisão de fases do trabalho interpretativo, Daniel Gile (1986, p. 33) sugere as seguintes etapas:

1. A preparação em domicílio, realizada durante os dias (ou semanas) anteriores à conferência.
2. A preparação de última hora, que se desenrola no local da conferência antes de seu início.
3. A preparação em sessão, que ocorre logo depois do início da conferência.

Os pontos mais interessantes deste tópico são, evidentemente, o primeiro e o segundo que fazem parte do conteúdo de que estamos tratando, o trabalho antes da cabine. Nesse primeiro ponto, o intérprete tem a liberdade para pesquisar os termos como lhe convém, buscando possíveis soluções para os problemas terminológicos que podem aparecer nessa fase ou poderão aparecer no momento do trabalho em cabine. Ele ainda pode consultar colegas e especialistas no assunto da reunião que irá traduzir, consultar livros e dicionários, e construir sua base de dados. Já na preparação de última hora, nos instantes anteriores ao início da conferência, o intérprete deve aproveitar para conversar com os conferencistas e tirar algumas dúvidas com relação à pertinência de alguns termos.

#### **4.2 Durante o trabalho em cabine**

Esta etapa é composta do trabalho de escuta e análise do discurso do palestrante pelo intérprete, e, conseqüentemente, da produção da tradução em língua de chegada. Como o intérprete simultâneo deve dividir sua energia entre estes três elementos, o esforço de memória requerido é bem importante, podendo o equilíbrio entre eles ser facilmente rompido. Alguns casos podem quebrar este equilíbrio, entre eles: o palestrante fala muito rápido, e então, o intérprete pode se atrasar na tradução; o intérprete não compreende muito bem a continuação da frase do discurso; ou ele pode não ter escutado bem um termo ou não o conhecer, etc.

São estes e outros exemplos de problemas terminológicos que um intérprete pode vir a enfrentar durante a interpretação em cabine. Por isso, propomos algumas soluções nesta etapa da tarefa terminológica para esses possíveis casos.

A grande maioria dos intérpretes só aprende o vocabulário pela memorização deste e, para tanto, é preciso ter em mãos o glossário bilíngue que eles constituíram anteriormente e dar uma última revisada nos seus documentos, uma ou duas vezes antes do começo do evento. Assim, caso haja um “branco” na memória do intérprete, ele pode sempre consultar estes papeis, ou então pedir ajuda ao colega de cabine. Embora aconteça frequentemente, essa primeira opção da consulta aos papeis não é muito viável, pois é sempre uma distração,

mesmo que rápida, podendo causar uma perda de informação na escuta da continuação do discurso, a não ser que o colega esteja atento ao problema que está ocorrendo e ofereça-lhe ajuda, seja fornecendo a tradução do termo silenciosamente ou tomando a palavra no lugar do colega.

No entanto, na ausência de um colega disponível ao seu lado, o trabalho terminológico de composição de glossários e listas de palavras adaptadas às necessidades da simultaneidade da interpretação na fase de preparação em domicílio se tornam ainda mais importantes. Vale ressaltar novamente que estes glossários devem possibilitar a “identificação imediata de uma palavra, no meio de tantas outras (pode ser alfabética, ou por tema, por marcações (cores, sublinhado, etc.)” (GILE, 1985, p. 201). A busca na internet e/ou no computador durante a interpretação é ainda indicada pelos intérpretes que responderam ao questionário, com respeito à questão *‘Durante o trabalho em cabine, em caso de um possível esquecimento da tradução equivalente ou desconhecimento do termo proferido pelo palestrante, você lança mão de técnicas como’*.

Um segundo caso é aquele anteriormente mencionado no qual o conferencista discursa um pouco mais rápido do que a capacidade do intérprete de traduzir ou quando o sotaque do palestrante dificulta o reconhecimento de algumas palavras. O profissional, então, pode sempre superar a ausência de alguns termos por conta de seu atraso ou de uma má compreensão através do contexto. Se os termos em questão voltarem a sua mente, ele pode ainda guardá-los na memória ou anotá-los até que surjam novamente na fala do palestrante; ou então pode reconstituir o termo através dos seus conhecimentos linguísticos.

Por outro lado, alguns problemas terminológicos podem surgir quando o intérprete tem dúvidas em relação a um termo. A partir daí, o profissional lança mão de algumas técnicas linguísticas a fim de solucionar estas situações. Dentre estas técnicas de reconstrução do termo, estão:

1. Quando o intérprete possui a compreensão total do termo mas não sabe sua tradução equivalente ou ainda quando o termo não existe na língua-alvo:

A proposta aqui é a utilização da *paráfrase*, que clarifica ou explica o termo com algumas palavras ou locuções na língua de chegada, como por exemplo, o vocábulo

“googly”<sup>8</sup>- existente somente na língua inglesa que pode ser traduzido em português aproximadamente como “tiro curvado de críquete feito por um jogador com a sua mão direita”. Esta técnica, todavia, consome um tempo valioso do intérprete.

2. Quando o intérprete compreende apenas parte do termo em questão e desconhece ou esqueceu sua tradução exata:

Propõe-se que “o intérprete substitua a ideia veiculada, da qual ele conhece sua natureza, mas não os contornos precisos, por uma ideia mais generalizada” (GILE, 1985, p. 204), por exemplo, o termo em inglês, “Text handler”<sup>9</sup> por ‘tratador de texto’ em português. Estas palavras de sentido mais abrangente são chamadas de *hiperônimos*.

A segunda proposta consiste em que o intérprete faça uma reprodução de seu entendimento do termo de maneira aproximada, utilizando um dos métodos de estabelecimento de conhecimento terminológico descrito no capítulo 2, o neologismo - composição, derivação e parassíntese. Esta tática, chamada de *naturalização*, “modifica o termo na língua de chegada não só morfologicamente, mas também fonologicamente” (GILE, 1985, p. 204), já que o vocábulo especializado é pronunciado com traços fonológicos da língua de partida, ou seja, é como “aportugueizar” uma palavra estrangeira. No entanto, isto só é possível se a língua de partida e a língua de chegada pertencerem a uma mesma família linguística, como por exemplo, o português e o espanhol. Caso contrário, se forem de famílias diferentes, como o inglês e o japonês, por exemplo, este processo de aproximação fonológica tende a causar problemas.

3. Quando o intérprete não possui nenhuma compreensão do termo em questão:

Propõe-se a reprodução do termo exatamente como ele é na língua de partida, levando em conta que o público pode ou não compreendê-lo. Esta solução é aceitável quando o tema da conferência é muito específico, em que geralmente alguns termos técnico-científicos continuam a ser utilizados na língua de chegada da mesma maneira como são na língua de partida, pois

---

<sup>8</sup> Termo do jogo de críquete com tradução não existente na língua portuguesa. É um movimento complicado, um tipo de lançamento curvado com giro feito por um jogador com sua mão direita sobre o lado direito do corpo.

<sup>9</sup> Termo da informática e sua tradução correta é ‘processador de texto’. Caso o intérprete desconheça sua tradução exata, ele pode traduzir literalmente a palavra “handler” como ‘tratador’ ou ‘manipulador’.

[...] a evolução paralela de setores da ciência e da tecnologia de diferentes países depois de algumas dezenas de anos fez com que, em geral, os termos recortassem a realidade de uma maneira idêntica ou mais próxima (GILE, 1986, p. 202).

Esta solução pode adequar-se também quando os termos pertencem a mesma taxonomia, ou são padronizados no inglês ou no latim, onde os ouvintes possuem “o hábito de leitura de textos técnicos na língua de partida sem o fácil entendimento na escuta.” (GILE, 1985, p. 205).

De fato, a maioria dos participantes “de conferências de alta densidade informacional tendem a se concentrar no conteúdo relacionado, e não na forma de linguagem” (SCHNELL, et al., 2012, p. 21). Portanto, o intérprete possui maior liberdade de lançar mão de neologismos, paráfrases, jargões profissionais, etc., os quais não mancham de nenhum modo a qualidade da interpretação.

Entretanto, em casos extremos, quando o intérprete percebe que a ausência de tradução do termo irá comprometer o entendimento de uma ideia central para o raciocínio apresentado, ele sempre tem a opção de interromper a apresentação e solicitar orientação do palestrante ou de algum participante competente nas duas línguas em contato.

#### **4.3 Depois do trabalho em cabine**

A tarefa terminológica depois do trabalho em cabine é a etapa mais simples, embora seja preciso ressaltar que “os léxicos constituídos previamente não são produtos finais, pelo contrário, são ferramentas dinâmicas, suscetíveis a correções e acréscimos [...]” (SCHNELL, et al., 2012, p. 21). Portanto, nesta etapa, o intérprete faz uma avaliação da sua interpretação e uma revisão da terminologia utilizada: se usou a tradução equivalente daquele termo, se fez uso correto das técnicas de reconstrução de vocábulo, etc. Com efeito, “revisar seus erros e corrigir seu banco de dados terminológico” foi a resposta de praticamente todos os intérpretes no questionário à questão “Após o trabalho em cabine, você prefere”.

Caso ainda dê tempo, o intérprete pode até conversar com o palestrante, ou algum especialista do tema da conferência em questão, para que examine o seu banco de dados terminológico, com a finalidade futura de que se interpretar outro evento de mesmo tema, o intérprete estará mais bem preparado. Isso também pode ser feito em eventuais intervalos durante o evento.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, além de se apresentarem bases da ciência terminológica, buscou-se discutir como a *terminologia* pode ser manuseada por profissionais de quaisquer áreas. Desta maneira, o intérprete de conferência faz uso desta tarefa em três momentos: antes, durante e depois do trabalho em cabine, encontrando, a cada etapa, dificuldades a serem enfrentadas e superadas. Esta tarefa terminológica, que começa desde antes da cabine, é de fundamental importância para que o intérprete produza bons resultados na sua performance.

Desta maneira, no primeiro momento da tarefa, ele busca adquirir o conhecimento terminológico da conferência na qual irá interpretar, através de métodos que o auxiliem, tais como fichas terminológicas e glossários que deve elaborar e suas relações associativas e partitivas. No segundo momento, o intérprete pode vir a enfrentar certos problemas terminológicos, e, assim, contorná-los através de algumas técnicas de reconstrução dos termos, de forma que estes não afetem negativamente ou prejudique seu trabalho em cabine. Por fim, o profissional realiza apenas uma rápida revisão da sua interpretação e dos termos que compõem seu banco de dados, a fim de melhorar uma futura performance.

Enfim, analisaram-se ainda as características gerais da interpretação de conferências e outros tipos de interpretação, como a consecutiva e a sussurrada. Assim, foi possível perceber as particularidades do trabalho de um intérprete simultâneo, caracterizado pelo trabalho em cabine. Tudo isso, é claro, foi observado sem deixar de evidenciar a diferença do campo de atuação de um tradutor para o de um intérprete, principalmente o simultâneo, cujo trabalho nasceu há pouco tempo.

Ainda vale lembrar a existência dos dados obtidos a partir do questionário, os que revelam que o perfil real do intérprete ainda está longe de chegar perto do perfil ideal. De fato, o mercado de interpretação de conferências padece com as consequências da falta de conhecimento e formação adequada deste profissional.

Em suma, todas as bibliografias pesquisadas e analisadas nos apresentaram interessantes pontos sobre o complexo trabalho de um intérprete de conferência, em especial, em relação à sua tarefa terminológica. Desta forma, a interpretação de conferência, ao contrário do que se acreditava antes da Segunda Guerra Mundial, não nos permanece mais como uma atividade impraticável e, apesar da vastidão desta ciência, nem como um tema nebuloso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(AIIC), Associação internacional de intérpretes de conferência. **"Practical guide for professional conference interpreters"**. [Online] 1990. Disponível em AIIC World: <<http://aiic.net/page/628/practical-guide-for-professional-conference-interpreters/lang/1>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 71-79.

CAUDET, María Amparo Alcina. La programación de objetivos didácticos en Terminótica atendiendo a las nuevas herramientas y recursos. In: SALVADOR, Natividad Gallardo San (Org.). **Terminología y Traducción: un bosquejo de su evolución**. Granada : Atrio, 2003, p. 79-89.

FREIRE, Evandro Lisboa. **"Teoria interpretativa da tradução e teoria dos esforços na interpretação: proposições fundamentais e inter-relações"**.. [Online] 2007. Disponível em Cadernos de Tradução: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2008v2n22p151/9413>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

GILE, Daniel. Le travail terminologique en interprétation de conférence. **Multilingua: Journal of Cross-cultural and interlanguage communication**, Amsterdã, Mouton de Gruyter, v. 5, n. 1, 1986, p. 31-36.

\_\_\_\_\_. Les termes techniques en interprétation simultanée. **Meta: Translator's Journal**, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, v. 30, n. 3, 1985, p. 199-210.

\_\_\_\_\_. **Regards sur la recherche en interprétation de conférence**. Lille : Presses universitaires de Lille, 1995.

MARTÍNEZ, S. M.; BENÍTEZ, P. F.; CASTRO, M. B. **Terminología para traductores e intérpretes**. 2ª Edição. Granada : Ediciones Tragacanto, 2011, p. 83-89.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. **Manual de Terminologia**. [trad.] Enilde Faulstich. Canadá : Direção de Terminologia e Normalização do Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002.

SCHNELL, Bettina; RODRÍGUEZ, Nadia. **"Regard sur la terminologie adaptée à l'interprétation"**. [Online] 2012. Disponível em Bureau de la Traduction: <[http://www.btb.termiuplus.gc.ca/tpv2guides/guides/chroniq/indexfra.html?lang=fra&lettr=indx\\_autr8KcA5x7sBRyw&page=9SAnbe82Vciw.html](http://www.btb.termiuplus.gc.ca/tpv2guides/guides/chroniq/indexfra.html?lang=fra&lettr=indx_autr8KcA5x7sBRyw&page=9SAnbe82Vciw.html)>. Acesso em: 24 jun. 2013.

SETTON, Robin. **"So what is so interesting about simultaneous interpreting?"**. [Online] 2005. Disponível em: <<http://www.docjax.com/document/view.shtml?id=1276819&title=So%20what%20is%20so%20interesting%20about%20simultaneous%20interpreting>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

VEISBERGS, Andrejs. **Terminology issues in interpreting training**. Quality and qualifications in Translating and Interpreting II. Documentos da Rede de Universidade do Mar Báltico, 2007, p. 73-83.

WILL, Martin. Terminology work for simultaneous interpreters in LSP conferences: Model and Method. In: MUTRA - LSP TRANSLATION SCENARIOS, 2007, Viena. **Anais Marie Curie Euroconferences** Viena: EU-High Level Scientific Conference Series, 2007, p. 1-9.

VANHECKE, Katrin. La terminología en la práctica profesional de la interpretación. Implicaciones didácticas. **Anales de Filología Francesa**, Murcia, Edições da Universidade de Murcia, 2010, n. 18, p. 517-537.

**APÊNDICE A - Questionário aplicado aos intérpretes de conferência do Brasil**

1. Qual a sua idade?

- ☐ Entre 20 a 25 anos      ☐ Entre 26 a 30 anos      ☐ Entre 31 a 35 anos  
☐ Mais de 36 anos

2. Qual o seu sexo?

- ☐ Masculino      ☐ Feminino

3. Quanto tempo você tem de experiência na área de interpretação?

- ☐ Menos de 1 ano      ☐ 1 ano      ☐ 2-3 anos      ☐ 4 anos ou mais

4. Você tem formação superior ou técnica na área de interpretação?

- ☐ Sim  
☐ Adquiriu formação na área APENAS depois de começar a trabalhar como intérprete  
☐ Não. É formado/a em outra área

5. Caso tenha respondido “não” à pergunta anterior, qual a sua formação?

Resposta: \_\_\_\_\_

6. Você trabalha como intérprete:

- ☐ Autônomo      ☐ Associado/a a uma empresa      ☐ Outro: \_\_\_\_\_

7. Qual a cidade onde trabalha atualmente como intérprete?

Resposta: \_\_\_\_\_

8. Tem como o exercício de intérprete sua principal atividade?

- ☐ Sim      ☐ Não

9. Caso tenha respondido “não” à pergunta anterior, qual a sua principal atividade?

Resposta: \_\_\_\_\_

10. Antes do seu trabalho em cabine, você geralmente costuma se preparar usando um banco de dados terminológico:\*[**Aqui você tem a possibilidade de marcar mais de uma alternativa**]

- ☐ Que você mesmo construiu    ☐ Um disponível na internet    ☐ Livros e dicionários  
☐ Outro: \_\_\_\_\_

11. Durante o trabalho em cabine, em caso de um possível esquecimento da tradução equivalente ou desconhecimento do termo proferido pelo palestrante, você lança mão de técnicas como:\*[**Aqui você tem a possibilidade de marcar mais de uma alternativa**]

- ☐ Neologismos                      ☐ Paráfrase                      ☐ Hiperônimos  
☐ Reproduz o termo da mesma maneira na língua de partida  
☐ Pronuncia o termo com o sotaque na língua de chegada  
☐ Outro: \_\_\_\_\_

12. Após o trabalho em cabine, você prefere:\*[**Aqui você tem a possibilidade de marcar mais de uma alternativa**]

- ☐ Revisar seus erros e corrigir seu banco de dados terminológico  
☐ Conversar com os participantes e/ou palestrante sobre a qualidade da interpretação  
☐ Buscar outras fontes de bancos terminológicos  
☐ Outro: \_\_\_\_\_

13. Para realizar o seu trabalho antes, durante e/ou depois da cabine, você geralmente faz uso de metodologias:\*[**Aqui você tem a possibilidade de marcar mais de uma alternativa**]

- ☐ Que aprendeu ao longo de sua formação na universidade/curso técnico  
☐ Que apreendeu de autores da área, como Daniel Gile  
☐ Que você mesmo/a criou ou adaptou  
☐ Outro: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B - Resultados do questionário aplicado aos intérpretes de conferência do  
Brasil**

- Documento EXCEL (Perfil do intérprete de conferências - respostas)